

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ IZIDIO BARBOSA

**O PALÁCIO, O BARÃO, A RUÍNA:
LITERATURA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO NO CORDEL *O BARÃO DE ÁGUA
BRANCA E SEU PALACETE EM RUÍNAS*, DE JOSÉ REGINALDO MEDEIROS**

Delmiro Gouveia – AL

2019

JOSÉ IZIDIO BARBOSA

**O PALÁCIO, O BARÃO, A RUÍNA:
LITERATURA, HISTÓRIA E TRADIÇÃO NO CORDEL *O BARÃO DE ÁGUA
BRANCA E SEU PALACETE EM RUÍNAS*, DE JOSÉ REGINALDO MEDEIROS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - habilitado em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof^o. Dr. Marcio Ferreira da Silva

Delmiro Gouveia – AL
2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

B238p Barbosa, José Izídio

O palácio, o barão, a ruína: literatura, história e tradição no cordel O Barão de Água Branca e seu palacete em ruínas, de José Reginaldo Medeiros/ José Izídio Barbosa. – 2019.

55 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2019.

1. Literatura de cordel. 2. O barão e seu palacete em ruína - Poesia cordelista. 3. Medeiros, José Reginaldo. 4. Cordel. 5. Forma poética. 6. Poesia. I. Título.

CDU: 82-1

FICHA DE AVALIAÇÃO

JOSÉ IZIDIO BARBOSA

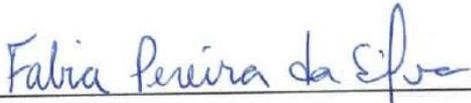
O palácio, o Barão, a ruína:
literatura, história e tradição no cordel *O Barão de Água Branca e seu*
***palacete em ruínas*, de José Reginaldo Medeiros**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora do curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras - habilitado em Língua Portuguesa.

Aprovado em: 23/08/2019


Prof. Dr. Marcio Ferreira da Silva (UFAL – ORIENTADOR)

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fábica Pereira da Silva (UFAL – EXAMINADORA INTERNA)



Prof. Dr. Thiago Trindade Matias (UFAL – EXAMINADOR INTERNO)

*Essa história que escrevi
Não foi por mim inventada
Um velho daquela época
Tem ainda decorada
Minha aqui só são as rimas
Exceto elas, mais nada.*

Peleja de Manoel Riachão com o Diabo

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, porque sem ele eu não poderia estar aqui, “fez do barro um vaso de honra”;

Ao meu orientador prof^o Dr. Marcio Ferreira da Silva, por ter me ajudado muito, portanto não poderia deixar de reconhecer o grande docente, amigo, paciente e excelente mestre na arte do ensino.

Ao Pr. Cicero Otavio Marinho, por ter me incentivado voltar aos estudos, que estava com dezesseis anos parado na sexta série, ao voltar consegui animo até o ensino superior;

À Sylmara Queiroz por esta ao meu lado me ajudando e compreendendo todos momentos.

Este trabalho dedico a Deus primeiramente, depois a minha família, a minha vó, Helena Maria de Jesus, minha mãe Josefa e a meus filhos, Jonatas, Jadiael e Jasimiel. A Deus por ter me dado saúde e livramento, a minha família que sempre acreditou no meu futuro até quando eu não acreditava, a minha vó que apesar de ser analfabeta sempre me incentivou a estudar, minha mãe por ter cuidado de me quando eu não podia ainda e aos meus filhos que foram incentivo, para alcançar meu objetivo e poder deixar para eles um exemplo a seguir.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o gênero cordel, tomando como base o livro **O Barão e seu palacete em ruína**, de José Reginaldo Medeiro, cuja literatura de cordel toma parte desta pesquisa. O objetivo do trabalho é, além de destacar o cordel, analisar a forma poética da poesia cordelista de Medeiros, escritor não canonizado no meio literário e ainda com projeção parca. A pesquisa se justifica na discussão sobre o cordel e o lugar onde ele circula, bem como a forma da poesia cordelista. Desenvolvem-se os estudos a partir da etimologia do cordel entre a origem e a atualidade, focando as discussões teóricas no estudo de poesia cordelista de Medeiros, como significado do cordel é importante para o povo nordestino, até que ponto faz parte da cultura nordestina, como sobreviveu ao longo dos anos, como se desenvolveu perante as fases da história literária. Como fonte de pesquisa tomou-se os estudos críticos de Oliveira & Silva Filho (2013), Silva (2008), Teixeira (2008).

Palavra-chave: Literatura. Cordel. História. Forma. José Reginaldo Medeiros.

RESUMEN

Esta investigación analiza el género cordel, tomando como base el libro **O Barão e seu palacete em ruína**, de José Reginaldo Medeiro, cuya literatura de cordel forma parte de esta investigación. El objetivo del trabajo es, además de destacar el cordel, analizar la poesía cordelista de Medeiros, escritor no canonizado en el medio literario y aún con proyección parca. La investigación se justifica en la discusión sobre el cordel y el lugar donde circula, así como la forma de la poesía cordelista. Se desarrollaron los estudios a partir de la etimología del cordel entre el origen y la actualidad, enfocando las discusiones teóricas en el estudio de poesía cordelista de Medeiros, como significado del cordel es importante para el pueblo nordestino, hasta qué punto forma parte de la cultura nordestina, como sobrevivió a lo largo de los años, como se desarrolló ante las fases de la historia literaria. Como fuente de investigación se tomaron los estudios críticos de Oliveira & Silva Filho (2013), Silva (2008), Teixeira (2008).

Palabra clave: Literatura. Cordel. Historia. Manera. José Reginaldo Medeiros.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – O cordel de Rodolfo Cavalcante	19
Figura 02 – Capa de Cordel de Antonio Carlos de Oliveira Barreto.....	22
Figura 03 – Cordéis de José Pacheco.....	23
Figura 04 – Cordel de Maxado Nordestino.....	24
Figura 05 – Cordel acrostico de João José da Silva.....	25
Figura 06 – Cordel de Silas Silva da Paraíba.....	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O CORDEL: HISTÓRIA E CONCEITO	13
2.1. Conceito e origem	13
2.2. O lugar da poesia cordelista no Nordeste	16
3. A ESTRUTURA DO CORDEL	19
3.1. A forma	19
3.2. Conteúdos e temas	25
4. O CASARÃO DE ÁGUA BRANCA E O CORDELISTA	
JOSÉ REGINALDO MEDEIROS	29
4.1. Quem é José Reginaldo Medeiros?	29
4.2. O cordel: da rima aos temas	30
4.3. . Os temas do cordelista José Reinaldo Medeiros.....	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXO.....	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a importância da literatura de cordel e destaca um cordelista alagoano José Reginaldo de Medeiros, com seu livro **O Barão e seu palacete em ruína**, publicado em 2018.

O gênero cordel passou por várias fases na história, em Portugal usava-se uma literatura imitativa, contudo no Brasil foi reconhecida como literatura de cordel. Todavia os poetas há muitos anos reuniam famílias e amigos à noite para declamar a poesia cordelista.

Podemos afirmar que uma fase no cordel em que ele serviu de meio de comunicação na sociedade, que chegou a fazer do cordel como um tipo de jornal regional, até então era simplesmente oral, algo como expressão da força do cantador local, porque era considerado uma cantoria popular, livre do rigor e dos requisitos da poesia moderna, porém, desde material impresso, a xilogravura e depois o papel, o cordel ganha estudo e interesse de uma elite intelectual, cujas formas cordelistas esbarram no cinema e nas mídias.

Hoje podemos dizer que o cordel está na rede, com site diretamente para debate, divulgação de eventos, programa em rádios, filmes, novelas que foram baseados em cordéis. É considerado parte da cultura do povo nordestino, mas ainda temos muitas pessoas que não conhecem este gênero.

A escolha do tema se deu por algumas experiências que tive durante o ensino fundamental e médio, em observar que se falava pouquíssimo de cordel na sala de aula. No entanto as aulas de literatura da universidade, serviu para reavivarmos o desejo de estudar literatura e o cordel, por percebemos a necessidade deste gênero ser mais divulgado. Ressaltando que antes de fazer este trabalho já tínhamos uma certa admiração pelo cordel, porém havia pouco conhecimento sobre esse gênero. Ao participar das aulas de literatura com o Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, nasceu o desejo de ler poesia e depois cordel, isso nos ajudou no momento da escolha do tema para essa pesquisa, que depois de muito trabalho escolhemos o gênero cordel. De certa forma, podemos dizer que esse tema foi ignorado por alguns colegas, então percebemos que era o assunto certo, pois é um tema pouco divulgado, sendo motivos de desinteresse e desvalorização de muitos.

Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas qualitativas, de base bibliográfica, ou seja, obras que destacam a história do cordel e que analisam a forma e conteúdo da poesia, cuja fonte de pesquisa tomou-se dos estudos críticos de Oliveira & Silva Filho (2013), Silva (2008), Teixeira (2008). Na verdade, o campo teórico de pesquisa se mostra muito dilatado, mas, ao nosso ver, muito repetitivo, como podemos observar nos sites na Internet que se detém ao cordel.

Portanto na primeira parte de nosso trabalho abordamos os estudos conceituais sobre a história de cordel no Brasil, desde a origem até hoje, no qual é o lugar da poesia no Nordeste.

Na segunda parte, comentamos sobre a estrutura do cordel, esclarecendo como se identifica com a forma da poesia e vice-versa, como são escolhidos o conteúdo e os temas dos cordéis.

Por fim, na terceira parte, analisamos a poesia cordelista do poeta alagoano José Reginaldo Medeiros, identificando a forma poética, as rimas, as estrofes, os versos, a realização da métrica, porque o cordelista assume a história do casarão do Barão de Água Branca como aspecto poético para pensar seu lugar e sua gente.

2. O CORDEL: HISTÓRIA E TRADIÇÃO

2.1. O conceito e origem do cordel

A palavra cordel se originou por conta da maneira que eram apresentados os folhetos ou livretos nas feiras para vender, pois eram colocados em bancas, no chão e a maior parte pendurados em um cordão ou barbante, por isto se originou a palavra *cordel* que vem de *cordão* (TEIXEIRA, 2008).

Segundo Silva (2016), o gênero cordel surgiu na modalidade oral, tanto em sua composição como a transmissão. Os cantadores se agrupavam em casas-grandes ou em residências em época de festejo para participarem de desafios denominados por peleja, usando tanto versos próprios como alheios e por não pensarem em publica-los como folhetos eles escreviam em tiras de papel ou em cadernos, até em 1930, quando surgiu as primeiras publicações.

Penso que o hábito de decorar histórias, dos cantos de trabalho as cantigas de em balar e toda sorte de narrativas orais trazidas pelos colonizadores vão sentimentando, na cultura brasileira, o costume de cantar e contar histórias, de guardar na memória os acontecimentos da vida cotidiana. Assim, pouco a pouco, foi se desenvolvendo junto ao homem brasileiro, mais especificamente na região nordeste, onde se deu o início da colonização, uma poesia oral com características muito peculiares (BARROSO, 2006 apud TEIXEIRA, 2008, p.11).

Em Portugal já declamavam versos e poesia em forma literária parecida com a literatura de cordel, que eram conhecidos em Portugal, como livrinhos de feira, ou livretos, também chamados depois por alguns cordelistas folhetos. Podemos dizer o gênero veio para o Brasil através dos portugueses na época da colonização principalmente no Nordeste, onde iniciaram as colonizações e de lá se expandiu para as demais regiões, principalmente, por não haver meios de comunicação como hoje. Segundo Teixeira (2008, p. 12), a “literatura de cordel é uma nomenclatura dada aos folhetos de cordel pelos intelectuais brasileiros por volta de 1960/70”.

Sabemos que não havia outros meios de comunicação na região como hoje, que temos jornais, rádio, televisão e internet, por este motivo os cordéis serviam de

comunicação entre as regiões, pois era considerada como a literatura do povo, por ser confeccionada pelo povo e para o povo, com características próprias do povo nordestino e desta forma se identificou com a cultura do povo sertanejo. Mesmo sabendo que a literatura passou por vários ciclos até chegar no Brasil, podemos afirmar o valor estético do cordel.

Na verdade, até trataram como a literatura colonial, por esta época ser conhecida como período colonial, pois os cordéis mostravam Portugal como uma metrópole em seus temas europeus apresentavam as epopeias de bravuras e conquistas, como Camões, por exemplo, em **Os Lusíadas**, no Canto III:

Agora tu, Calíope, me ensina
 O que contou ao Rei o ilustre
 Gama; Inspira imortal canto e voz
 divina Neste peito mortal, que
 tanto te ama. Assim o claro
 inventor da Medicina,
 De quem Orfeu pariste, ó linda
 Dama, Nunca por Dafne, Clície ou
 Leucotoe, Te negue o amor devido,
 como soe.

Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo,
 Como merece a gente Lusitana;
 Que veja e saiba o mundo que do Tejo
 O licor de Aganipe corre e mana.
 Deixa as flores de Pindo, que já vejo
 Banhar-me Apolo na água soberana;
 Senão direi que tens algum receio
 Que se escureça o teu querido Orfeio.

A forma camoniana se apresenta em oitavas, com rimas externas nas seguintes ordem: ABABABCC, cuja escansão se dá em versos decassílabos heroicos, ou seja, perfeitos:

A / go / ra / tu, / Ca / lí / o / pe, / me en / sina
 1 2 3 4 5 6 7 8 9

10

Essa medida representa uma relação clássica, que o Brasil não conviveu, porque quando do apoio dessa poesia o País estava em processo de início de colonização. Com a chegada das influências étnicas (negras e africanas) e as

tradições orais oriunda dos trovadores medievais, conseqüentemente foram identificados com cancionero nordestino, que fazia uso da tradição oral em sua poética através das emboladas, onde hoje é conhecido como *repente*.

Os repentes são declamados rapidamente por uma dupla ou até mais, em diferentes temas sobre notas repetidas em forma de desafios, enquanto o cordel é declamado, mas não precisa ser rápido nem em forma de desafio.

De acordo com Teixeira, (2008), o final do século XVIII o cordel foi conhecido no Brasil como a cantoria de viola pelo grupo de poetas da Serra do Teixeira, no estado da Paraíba. Lá eles perceberam a influência e domínio dos cordelistas com as sextilhas e as redondilhas menores e maiores, de cinco e sete sílabas, respectivamente. Deste grupo se destacou o poeta Agostinho Nunes da Costa (1797 – 1858) como cantador.

No final do século XIX surgiu as primeiras impressões de folhetos de cordel tendo como precursor o poeta Leandro Gomes de Barros (1868 – 1919), sendo que o primeiro folheto localizado deste poeta foi na data de 1893, que a marca o início desse acontecimento, pois a literatura de cordel passou a ser, além de cantada, também escrita. De acordo com Silva (2016),

Com a chegada da tipografia no Brasil e posteriormente com a sua popularização, a literatura de cordel passou a ser produzida em uma escala considerável, pois no final do século XIX ocorreram algumas práticas de editoras localizadas, principalmente nas regiões norte e nordeste. As referidas editoras se especializaram na produção de publicações populares direcionadas para o público de baixo poder aquisitivo, aumentando a sua tiragem e conseqüentemente a sua circulação (SILVA, 2016, p. 3).

Ou seja, no final do século XIX aparecem as primeiras impressões, por editoras regionais que se estabeleceram nas regiões do nordeste e norte, desde então o cordel tem se expandido no nordeste e região, principalmente porque a classe menos favorecida, que a classe social da maioria, mas esse lugar e a condição social dos poetas facilitaram em acreditar nas cantorias ou histórias contadas do povo da região através dos cordéis.

Segundo Teixeira (2008), alguns estudiosos relacionam os folhetos nordestino com os cordéis portugueses, sabendo que este gênero não foi criado

em Portugal, pois existem indícios de várias formas de literatura, em vários locais do mundo, desde os tempos da Grécia Antiga, com as tragédias e as epopeias; da Idade Média, com os cancioneros medievais até os clássicos de Camões, como vimos anteriormente, até chegar a modernidade, com a poesia de cordel.

Na verdade, se estudamos cada expressão poética em seu tempo teremos também a presença de elementos das culturas africanas, indígenas, assim como de alguns países europeus como a França, Espanha e até alguns países americanos de língua espanhola em nossos folhetos, não podendo esquecer que em alguns folhetos encontram-se variantes do gênero épico (como romance de cavalaria, de costume e epopeias); as histórias bíblicas; as fábulas; ou os fatos cotidianos e outras formas que enriquecem os folhetos brasileiros, portanto “os cordelistas falam da nossa poesia como puramente brasileira” (BARROSO, 2006 apud TEIXEIRA, 2008, p. 13)

A vida nordestina é uma inspiração para a produção dos folhetos. Embora sabemos que não há restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e seu público, desde as primeiras produções (ABREU,1999 apud TEIXEIRA, 2008, p.374)

Podemos reconhecer que a vida nordestina é margem para inspiração dos folhetos pelos cordelistas, porque há um contato com o povo, com sua linguagem popular, com o cotidiano, por isso o povo nordestino é parte integrante dessa literatura.

2.2. O lugar da poesia cordelista no Nordeste

Segundo Lúcia Gaspar (2019), as publicações populares que geralmente são feitas em versos vieram da Europa no século XVIII, porém em Portugal os folhetos eram conhecidos por uma comum expressão denominada de “literatura de cego”, por conta de uma lei criada por D. João V, em 1789, que permitia a irmandade dos homens cegos negociar com este tipo de publicação.

No final do século XVIII, o cordel passou a ser conhecido no Brasil como cânticos de viola, repentistas e os poetas eram considerados como os repórteres dos

acontecimentos no nordeste brasileiro, não tendo limites de temas para criação de folhetos, podiam narrar os feitos de lampião, histórias fantasiosas, como João Grilo, popularizadas no cordel e também nos Autos de Ariano Suassuna e no filme de Guel Arraes, por exemplo; história de amor e também acontecimento informativo de interesse do povo.

No final do século XIX, surgiu alguns folhetos impressos e nisso se iniciava o avanço, pois até aquele momento eram narrados, mas agora passariam ser escrito e não pararia aí, pois em 1893 apareceu uma edição publicada que a crítica diz ser o primeiro cordel, sistemática pelo poeta Leandro Gomes de Barros, como já afirmamos anteriormente.

No começo do século XX, houve inovações nas impressões dos folhetos com o editor e poeta João Martins de Athayde (GALVÃO, 2001 apud OLIVEIRA, 2013, p.

275), dando mais credibilidade a poesia cordelista que aumentava cada vez mais.

Segundo Teixeira (2008, p.14), o cordel é chamado de “jornal do sertão”, o povo passou a dar tanto crédito nas notícias dadas pelos poetas através dos cordéis que na morte de três personagens importante na história do Nordeste, que foram Lampião, Corisco e o presidente Getúlio Vargas, mesmo sendo informados pela imprensa – jornais da época -, que eram trazidos pelas locomotivas, o povo só acreditou quando a notícia foi confirmada pelos cordelistas em seus cordéis.

Segundo Oliveira (2013), o cordel passou por vários ciclos, até pensaram que tinha se acabado, no entanto continua, porém com outra roupagem, os folhetos que antes era feito com xilogravura (*figuras talhadas em madeiras*) e depois com isopogravura (*figura talhada no isopor*), por conta do avanço tecnológico passou a ser manuseado em máquinas, impressoras e computadores, os folhetos que eram apresentados em feira livre estão sendo apresentados no mundo virtual, com a mesma metragem de rimas, porém na linguagem dos internautas, pois conquistou um novo público.

Até 1950, o cordel estava centrado no Nordeste, entretanto houve uma migração do nordestino para o centro-sul, por conta do interesse da região pela poesia cordelista como também pela facilidade de ganhar dinheiro com as vendas dos cordéis. Com isso propagaram o cordel no Rio de Janeiro e em São Paulo, tendo em vista que as editoras se interessaram pela literatura cordelista, por perceber que

o cordel estava conquistando um novo público (os letrados), que via por um lado um nicho de estudos para a poesia brasileira e, por outro, interesse em lucro com a divulgação e venda da poesia de cordel, que já ganhava espaço nas livrarias e lojas de cultura popular.

O público da literatura cordelista continua crescendo, mas tem enfrentado dificuldade com o seu próprio objeto: a poesia. Podemos dizer a divulgação poética do cordel acariciou os olhos da TV, da mídia, da Internet. Muito diferente daquele cordel do passado que dava notícia em primeira mão, hoje essa poesia é uma expressão artística forte e também precisa das mídias para se mostrar viva, participante.

Na verdade, a presença da literatura de cordeio alcança um alto patamar, quando se percebe na saída do cordel do papel para a tela da televisão através da junção do gênero literário com o gênero telenovela da Rede Globo, *Cordel Encantado* (2011). Não podendo esquecer de trabalhos realizados com personagens que saíram de folhetos para a tela da televisão, como as proezas de João Grilo escrito pelo cordelista João Martins de Athayde, e ainda os conflitos poéticos cantados pelos cordelistas em roda de pandeiro e viola, que foram adaptados na internet.

Assim, poetas por meio de programa antes não tinha como cantar desafios estando em lugares distante em tempo real, já hoje pode, através de programa de bate-papo fazem versos para enviar e aguardar o outro poeta responder, “como aconteceu na grande peleja virtual de Klevison Viana e Rouxinol do Rinaré” (TEIXEIRA, 2008, p.17), podemos dizer que o cordel através da internet alcançou o mundo, portanto podemos considerar que esse gênero está entre as literaturas global.

3. A ESTRUTURA DO CORDEL

3.1 A forma cordelista

Segundo Oliveira (2008), existem dois tipos de poesia a tradicional ou a obra feita sendo aquela que está sempre na mente dos cantadores, que mesmo após várias horas cantando continua coesa e dentro de inúmeras repetições não muda e a improvisada que é conhecida como repente, pois é o verso do momento usado em desafios, geralmente cantado só ou em dupla. Enquanto a escrita chama a atenção para duas estruturas: de folhetos, primeira dos abcê que cada estrofe começa com uma letra do abc e é pretendido e de A a Z, exemplos é o cordel com o título ABC dos namorados de Rodolfo Cavalcante e a outra é a estrutura de folhetos de desafios ou repente, pois no comum esta cantoria dar-se oralmente.

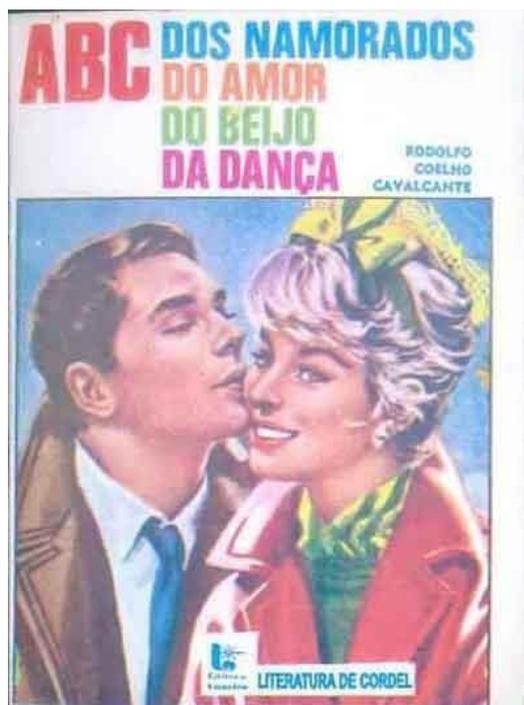


Figura 1: Cordel de Rodolfo Cavalcante:
Fonte: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>

O cordel é um gênero literário de forma específica com rimas e estrofes, lembrando que sua origem é de uma cultura oral, por isto não podemos deixar de lado suas normas de metrificação e rimas, pelas quais são reconhecidos os poemas cordelistas (OLIVEIRA, 2013). O poema popular apresenta 36 modalidades [...] que

podemos especificar quatro como as mais importantes que são: sextilhas, seis versos, ou sete pés (septilha), décima e martelo agalopado.

Não poderíamos explicar diferente dos demais escritores que escreveram sobre a métrica dos cordéis, então resumiremos o máximo possível: a sextilha é uma estrofe com rimas deslocadas, constituídas de seis versos de sete sílabas. Na sextilha, rima as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos. Sete linhas ou sete pés (septilha): no início do século atual, o cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador fez uma adaptação à sextilha, criando o estilo de sete versos também chamado de sete linhas ou sete pés, rimado os versos pares até o quarto, como na sextilha, o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto. A Décima: embora de origem clássica, é a Décima um estilo muito apreciado, desde os primórdios da Poesia Popular, principalmente por ser o gênero escolhido para os motes, onde os cantadores fecham cada estrofe com os versos de sentença dada, passando a estância a receber a denominação de glosa. Como o próprio nome diz, décima é uma estrofe ou estância de dez versos de sete sílabas, assim distribuídos: a primeira rima com o quarto e o quinto; o segundo com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono.

Segundo Silva (2007), a estrutura do folheto de cordel é diversa, alguns são marcados, especialmente, por redondilha maior, outro por redondilha menor, outros com decassilábicos, porém em algumas estrofes percebe-se a predominância de sextilhas com setissílabos e também a presença de sextilhas em versos com redondilha maior, seguidas pelas decimas setissílabas, porém é difícil ser encontrado folhetos em quadras, quintilhas ou oitavas.

Retomando falaremos um pouco sobre o martelo agalopado segundo Teixeira (2008).

O martelo agalopado: atual criação do violeiro paraibano Silvino Pirauá Lima, é uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos versos de decima. Todavia, sua denominação não vem de ser empregado como o meio dos contadores se martelarem durante suas pugnas. Sua significação está ligada ao nome do diplomado francês Jaime de Martelo, nascido na metade do século XVII, que foi professor de literatura na universidade de Bolonha, portanto, o criador do primeiro estilo. Jaime de Martelo suprimiu duas linhas finais da Oitava de Ariosto, ou Oitava camoniana, formando o que se denominou de martelo

cruzado, isto é, no martelo antigo a primeira linha rima com a terceira e a quinta; a segunda, com a quarta e a sexta. (TEIXEIRA, 2008, P.17 A 20).

Temos ainda como variante, o Martelo com rimas destacadas denominado de Martelo solto ou sextilha em decassílabo. O diplomata brasileiro Francisco Otaviano utilizou-se deste gênero para cantar o poema “Ilusões da vida”.

Feitas essas considerações sobre o Martelo de seis versos, o próximo exemplo é o estilo atual, variante da décima, criação do violeiro Silvino de Pirauá Lima, conforme estrofe do poema Lira Flores:

Quando as tripas da terra mal se agitam\ E os metais derretidos se confundem, \ E os escuros diamantes que se fundem\ Da cratera ao ar se precipitam.\ As vulcânicas ondas que vomitam grossas bagas de ferro\ incendiado, em redor, deixam tudo sepultado\ Só com o som, treme a terra, o tempo muda\ Eu cantando Martelo agalopado. (BATISTA E LINHARES, 1982 *apud*. TEIXEIRA, 2008, p. 20).

Os cordelistas sempre procuraram confeccionar os folhetos com material barato para facilitar o acesso ao público. Segundo Oliveira (2008), o papel utilizado para confeccionar era do tipo de papel de jornal, tendo em vista que a capa era de um papel melhor (tipo papel comum, de embrulhar), formando o folheto com 11 cm por 16 cm, que geralmente usava uma folha de papel sulfite dobrada de maneira que faria quatro páginas, por isto a maioria dos folhetos vem múltiplo de par, pois duas folhas dobradas dariam oito. Vale apenas lembrar que o folheto ou a folha volante (avulsa) contém, via de regra, 4, 8 ou 16 páginas (OLIVEIRA, 2008).

Na sua forma, temos alguns itens que podem ser observado por qualquer leitor desde a capa até a última página, logo na capa é visível o título como era de se esperar, porém em caixa alta a parte que é relacionado a história e o complemento em letras menores.

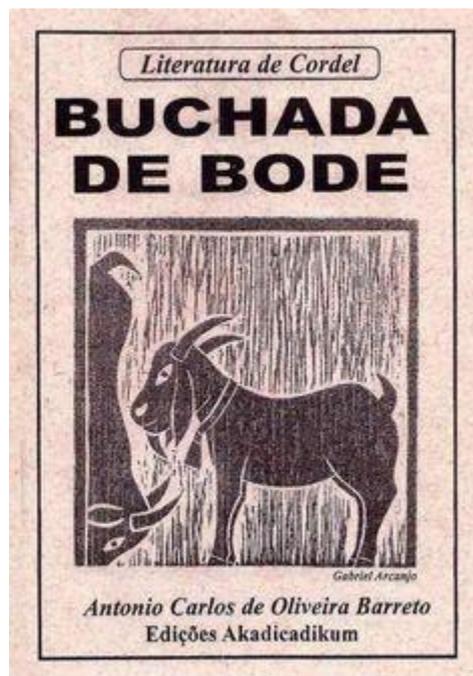


Figura 2: Capa de Cordel de Antonio Carlos de Oliveira Barreto.

Fonte: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>

Os folhetos ainda trazem na capa as ilustrações de duas formas diferentes uma sendo desenhos feitos em computador e a outra em xilogravura que pode vim abreviada (xilo), de artista popular, a xilogravura, como podemos ver na Figura 2 acima. Esse tipo de expressão artística teve início com o famoso mestre Noza em Juazeiro do Norte, santeiro conhecido (entalhador de estatua), que foi o primeiro na confecção de xilogravura e elas sempre são acompanhadas pela assinatura do artista. Lembrando que a ilustração pode representar a história ou pode sugerir uma ambiguidade, pois traz também o nome do poeta acima ou embaixo do título junto ao nome com a sigla ABLC, se o autor for membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Há também a data, porém em alguns folhetos são encontrados duas datas diferente uma na capa e outra na última estrofe, e a partir daí se levanta uma dúvida, se a data da capa é a data da edição, e a da última estrofe é a data da conclusão do cordel, pois Oliveira diz:

Que em geral o folheto não tem data, isto é não fixam a data de sua produção ou de seu lançamento. Não se fixam datas, dia ou mês, mas as vezes a hora ou o dia da semana tal como faria um jornal, característica de comunicação (DIEGUES JUNIOR 1986, *apud* OLIVEIRA, 2008, p.32).

A data que aparece em um folheto, não se refere a data do tempo, pois o poeta não se preocupa com a ordem cronológica, mas com o fato social, observasse também um elemento ou ilustração na capa que esteja relacionado com a história, conclui-se que na visão do poeta ele substitui o tempo cronológico pelo tempo social.



Figura 3: Cordeis de José Pacheco

Fonte: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>

Podemos observar nas capas dos cordéis a apresentação do editor, da editora, revendedores e seus endereços, ainda é escrita em algumas capas a menção sobre a coleção a quem pertence o cordel. Ainda podemos ver que alguns editores se apresentam como proprietários, “é o caso de Joao José da Silva, cuja casa Luzeiro do Norte ora é anunciada como Editora, ora como Tipografia, ora como Folhetaria, e indica vários endereços” (OLIVEIRA, 2008, p. 33).

Na parte interna da capa e da contracapa, encontram-se alguns agradecimentos do autor ou homenagem a alguém, uma foto do autor na parte superior ou inferior da capa, um resumo em que o autor descreve a condição de produção do seu cordel, o que levou-o a escrevê-lo, porque escolheu aquele assunto, algum depoimento de pessoas importante (escritor) na área de cordel.

Vale lembrar que em alguns cordéis encontram-se figuras que lembra o ambiente nordestino segundo Oliveira (2008, p.34) cacto, serpente, boi, figura de cangaceiro, desenho de um livro aberto indicando a leitura de um cordel, e, ainda presença de um pavão fazendo referência a um cordel famoso “O pavão Misterioso”.

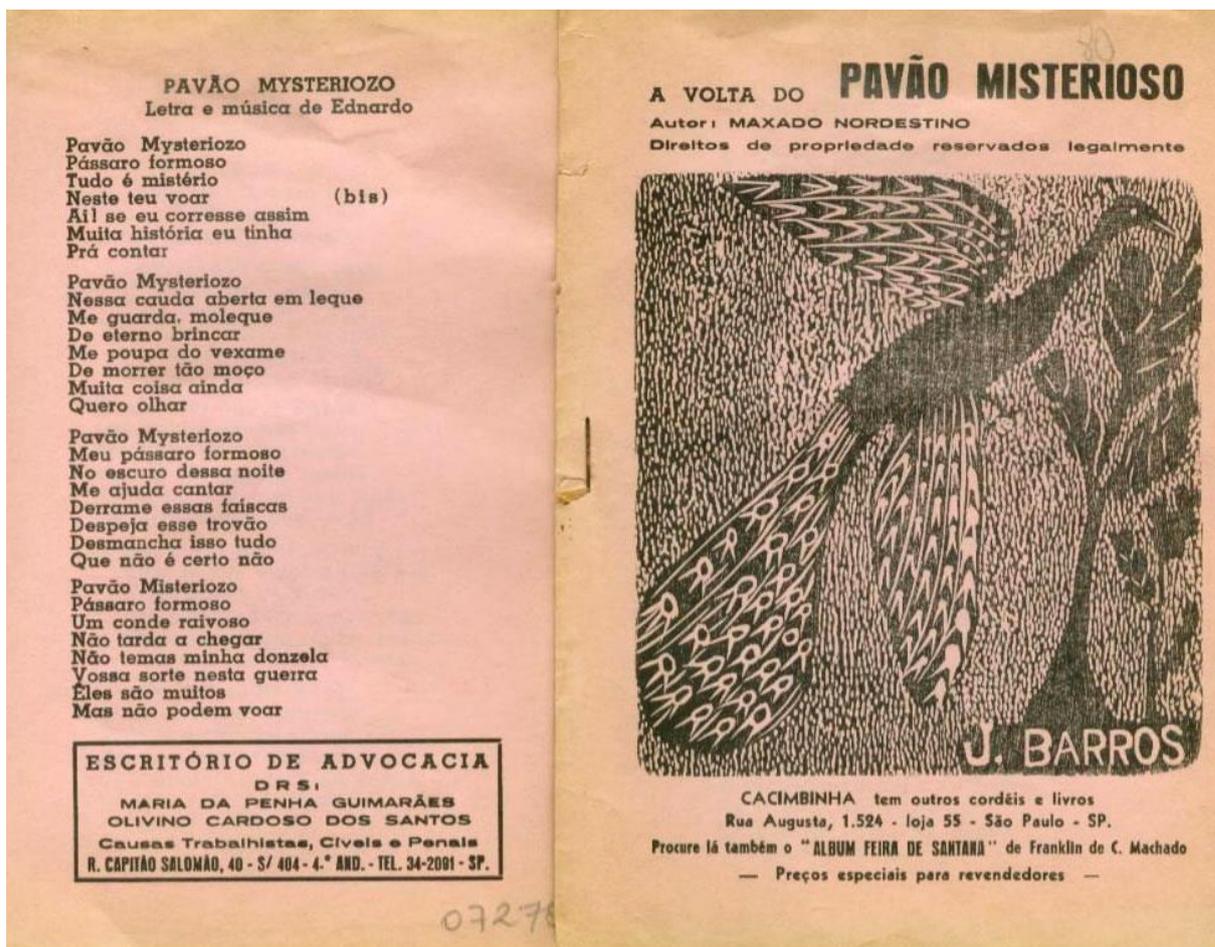


Figura 4: Cordel de Maxado Nordestino

Fonte: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>

Geralmente, a página vem numerada no canto inferior direito ou no meio, em fim não é padronizada, ressaltando que em alguns cordéis as estrofes são numeradas, sabendo que também não é regra.

Os acrósticos foram criados por cordelistas com o intuito de garantia, para outros não usarem de má-fé e alterar alguns versos do texto ou inclusive a última estrofe.

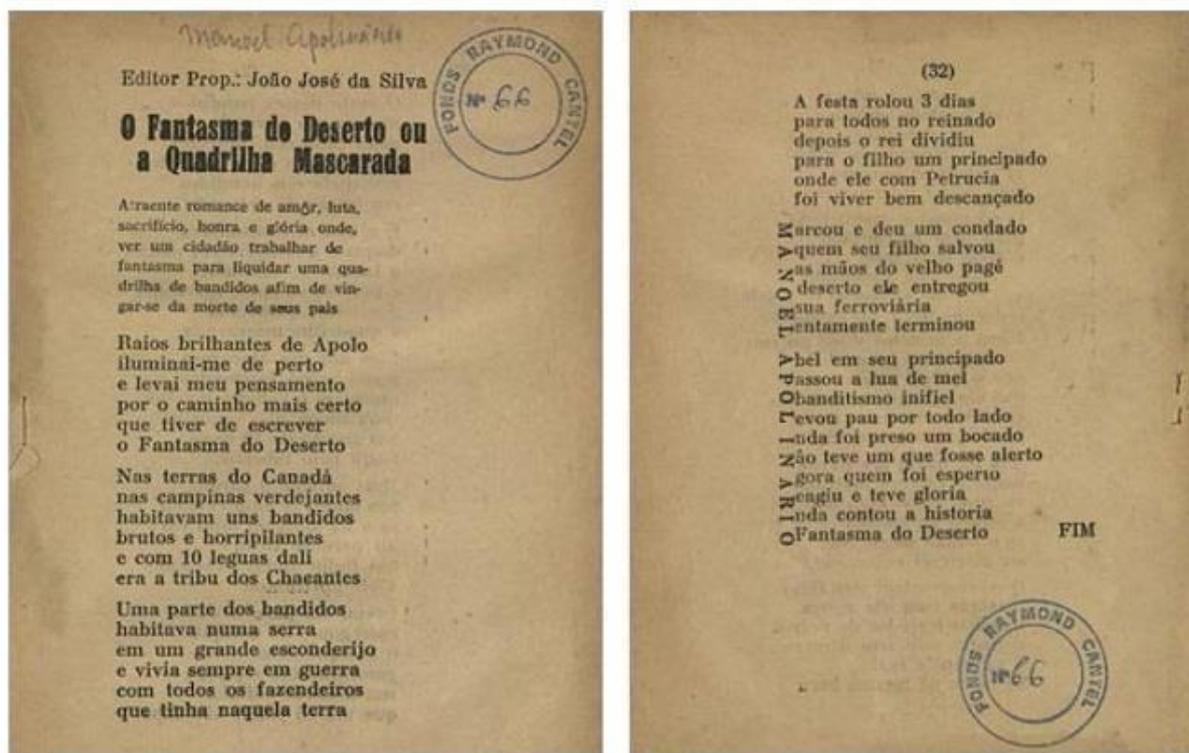


Figura 5: Cordel acostico de João José da Silva.

Disponível no site: <http://www.redalyc.org/jatsRepo/4056/405659558017/html/index.html>. Acesso em jul./2019.

Podemos dizer que os cordéis acrósticos são cordéis feitos a última estrofe em que cada verso se inicia com uma letra do nome do cordelista como se fosse uma autenticação confirmando de quem seria o cordel, não deixando oportunidade para nem um outro alterar qualquer parte do cordel nem tomar posse. Como temos um exemplo segundo (LUYTEN, 2005, apud. SILVA, 2008, p. 34):

L – eitor, não levantarei falso,
 E – screvi o que se deu,
 A - quele grande sucesso
 N – a Bahia aconteceu
 D – a forma que o velho cão
 R – olou morto sobre o chão
 O – nde o seu senhor morreu

3.2. Conteúdos e temas

Geralmente os cordéis são construídos a partir de alguma situação que chama a atenção da população ou história fantasiosa, incluindo cultura regional.

Segundo Silva (2008), o cordel é de origem popular, por ser escrito pelo povo e para o povo, sendo um pouco diferente do que era usado em Portugal, pois o que parecia com cordel em Portugal era utilizado pelos ricos ou de classe média (padres, advogados, militares, professores e outros que soubesse ler), enquanto no Brasil o público do cordel era diferente do de Portugal, pois eram pessoas pobres, analfabetas que compravam cordéis para que outros lesse para eles.

Como a maioria do público era analfabeto, o cordel fazia o papel de um tipo de jornal informativo, os temas eram sempre baseados em fatos ocorridos nas regiões circunvizinhas e tendo isto em vista os conteúdos dos cordéis geralmente falavam de façanhas de cangaceiros, raptos de moças, crime, os estragos das secas, efeito das cheias causadas pelas chuvas (desastres) e as religiosidades, ressaltando que os poetas falavam destas coisas, usando sempre a linguagem do povo como falavam também dos costumes populares.

Por conta disto apareceu muitos folhetos falando de diversos assuntos exemplo: diabo como cão, não como uma personificação do mal, mas como um elemento que vive no meio do povo, das fatalidades da natureza, como chuva, sol, pestes, quando falam sobre isto eles sempre atribui a interferência sobrenatural. Outros personagens frequentemente falados nos cordéis são: demônios, santos, o padre Cicero Romão Batista – fundador e pároco vitalício da cidade de Juazeiro (Ceará), hoje conhecido como Padim Ciço. O mesmo aconteceu com o padre Frei Damiao, não podemos esquecer de outros heróis populares nordestino como os cangaceiros de Lampião e Antônio Silvino.



Figura 6: Cordel de Silas Silva da Paraíba

Fonte: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>

Podemos observar, que temas como estes que estão nesse tópico e outros que falaremos ainda eram apresentados em folhetos e também em peleja ou desafio realizado oralmente nas feiras, um exemplo de peleja famosa é a do cego Aderaldo com Zé pretinho do Tucum, outra e a de Romano do Teixeira com Inácio da catingueira. Ainda de acordo com Silva (2008, p. 36),

Os folhetos se assemelham aos repentes no que se refere à característica formal, tal como a presença do Mote – Tema em forma de verso, proposto aos cantadores durante uma disputa. [...] O mote funciona como uma espécie de refrão. Um exemplo é o folheto motes e glosas, de Geraldo de Alencar e Patativa do Assaré, que criam versos a partir de motes os mais variados, tais como: a desgraça do agregado / é ter um falso patrão; Formiga que cria asa / vai por certo se perder.

Segundo ainda Silva 2008, os folhetos têm várias modalidades aqueles que parecem com repentes, também os circunstancias, que são chamados de folhetos de época, por possuírem uma linguagem própria e relatarem acontecimentos políticos do país e do mundo. Abrangendo fatos do início da história até os dias de

hoje, como por exemplo: morte de pessoas famosas como presidentes (Getúlio Vargas, Tancredo Neves e outros). Retornando as modalidades dos folhetos percebemos os que são parecidos com romances por ter as características bem próximas, neles podemos perceber nas primeiras estrofes os heróis, os vilões, o lugar do acontecimento da história, a origem da história, que tipo é (se é de luta, de aventura, humor, amor ou mistério...), no desenrolar da história identifica-se os heróis por ser o mais destemido, corajoso, valente, ou por ter ajuda de alguém com poder mágico, por enganar os reis, responder adivinhações, ajudar os pobres, defender as donzelas e termina quase sempre em final feliz.

Não há restrições temáticas, porém, a vida dos nordestinos e destacados nos cordéis como tema e é usada como conteúdo de vários folhetos, pode-se perceber quando os folhetos falam de reis e rainhas de países distantes, terminam apresentando personagens com nomes bem conhecidos como João, José, Maria e Francisco, também quando falam de paisagem e de comidas são nordestinas, portanto o cordel está ligado ao nordeste. Porém os cordelistas tem deixado de fazer os cordéis tradicionais.

Segundo Teixeira (2008), os cordelistas já não fazem, mais cordel tradicional com histórias românticas, épicas e cheias de fantasia, passaram a explorar, mas o cordel circunstancial, alegando que as novelas televisivas tomaram seu lugar. Pois dizem que depois de ter chegado a TV no interior do Nordeste, perderam o espaço nos lares. Portanto aquele hábito de reunir as pessoas nas casas para ouvir os romances em folhetos, foi se perdendo pouco a pouco até não existir mais. No entanto os cordéis quando eram expostos nas reuniões familiares ou na frente das casas, tinham como objetivo não ser somente usados como entretenimento ou informação, mas também como alfabetização.

Os cordelistas desenvolveram um papel social de alfabetização auto-didática, usando o método de memorização. Os cordéis escritos ou recitados pelos cordelistas, a pessoas que se encarregavam de continuar transmitindo a ouvintes analfabetos, que por sua vez procuravam aprender a história e reconhecer as palavras escritas; a partir deste método, eles passaram a desenvolver a escrita, repetindo diversas vezes as palavras, encontradas nos folhetos que tinham como motivador.

4. O CASARÃO DE ÁGUA BRANCA E O CORDELISTA JOSÉ REGINALDO MEDEIROS

4.1 Quem é José Reginaldo Medeiros?

Seguindo uma entrevista que fizemos com o poeta em abril e agosto de 2019, que consta do *Anexo* deste trabalho, José Reginaldo Medeiros nasceu em Água Branca, alto Sertão de Alagoas, sexto filho dentre oito que seus pais José Cavalcante Medeiros e Maria Rita da Conceição Medeiros conceberam. Graduou-se em *Licenciatura em Biologia*, pela Faculdade de Tecnologia e Ciência EaD e com Pós-Graduação em *Uso das Mídias na Educação*, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente exerce a função de professor de Biologia na Escola Estadual Monsenhor Sebastião Alves Bezerra, na sua cidade de origem. Medeiros atua também no serviço público administrativo municipal onde realiza atividades desde do ano 2000.

Ainda de acordo com nossa entrevista, Medeiros iniciou sua carreira de docente na Escola Estadual de Pariconha no ano de 2006, cidade vizinha a Água Branca, no ensino primário, logo passou a lecionar nos ensinos fundamental e médio da mesma escola. Seu gosto por literatura vai desde gibis à literatura mundial, quando criança tinha gosto pela escrita de Maurício de Souza e devido ao seu vasto gosto pela leitura obtém conhecimento da Literatura Clássica Regional, como: Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz, Ledo Ivo, Arriete Vilela, José de Alencar, Machado de Assis, entre outros, e, como antes mencionado, da literatura Mundial, como: Vitor Hugo e Eça de Queiroz.

Admirador dos grandes nomes da cultura brasileira tem conhecimento das histórias de vida de Luiz Gonzaga¹, Jakcson do Pandeiro², Raul Seixas³, Patativa

¹ Luiz Gonzaga (1912-1989) foi um músico brasileiro. Sanfoneiro, cantor e compositor, recebeu o título de "Rei do Baião". Foi responsável pela valorização dos ritmos nordestinos, levou o baião, o xote e o xaxado, para todo o país. A música "Asa Branca" feita em parceria com Humberto Teixeira, gravada por Luiz Gonzaga no dia 3 de março de 1947, virou hino do Nordeste brasileiro (FRAZÃO, Dilva. Luiz Gonzaga: músico brasileiro. 2019).

² Cantor, instrumentista e compositor, José Gomes Filho, conhecido como Jackson do Pandeiro, nasceu em Alagoa Grande, Paraíba, no dia 31 de agosto de 1919, filho do oleiro José Gomes e da cantora de coco pernambucana Flora Mourão (Glória Maria da Conceição).(GASPAR, Lúcia. Jakcson do Pandeiro. 2019).

³ Raul Santos Seixas (1945-1989) foi um músico, cantor e compositor brasileiro, considerado um dos principais representantes do rock no Brasil.

do Assaré⁴, entre outros que influenciaram para a formação de sua personalidade. Além disso, seus traços culturais se deram a momentos de convivência com seu pai

“Zé Medeiros” onde ambos paravam em momento de descanso e lazer para ouvir muitas músicas boas. Assim, relatado brevemente, foi que adquiriu bagagem e conhecimento durante a vida, o que impulsionou sua recente carreira como cordelista para semear histórias em forma de rimas.

Como escrevedor de Cordel começou há pouco tempo, para ser mais exato no dia 04 de novembro de 2018, escrevendo um poema em estilo quadra intitulado “Uma linda história de amor”, sendo que em menos de quarenta e oito horas o esboço do cordel já estava pronto, desconsiderando erros básicos. Desde então não parou mais de escrever e fazer rimas, em pequeno intervalo de escrita encarregou-se de mudar do estilo de quadra e passou a escrever, como um bom cordelista, em sextilhas. Incrivelmente esta grande onda de satisfação, de vontade e de desejo de escrever rimando preenche seus espaços de tempo de uma forma voraz e em aproximadamente um mês já tinha escrito mais de vinte poemas de cordéis, mostrando com isso sua vontade enrustida de adentrar no mundo mágico que é o fascinante mundo do Cordel.

4.2 O cordel: da rima aos temas

No cordel de Medeiros, objeto de nossa pesquisa, encontramos uma voz poética que está ligada a tradição do cordel nordestino. As repetições, as rimas formam repetições de sons semelhantes, que o poeta ora desloca para o final dos

Raul Seixas nasceu em Salvador, Bahia, no dia 28 de junho de 1945. Admirador do Rock and Roll, fundou o primeiro fã clube de Elvis Presley, no Brasil. Em 1962, criou o grupo “Relâmpagos do Rock”, que depois com nova formação passou a se chamar “Os Panteras” (BIOGRAFIA Raul Seixas. Disponível no site: https://www.pensador.com/autor/raul_seixas/biografia/. Acesso mar./2019).

⁴ Patativa do Assaré, na verdade, é pseudônimo de Antônio Gonçalves da Silva. O poeta nasceu no dia 05 de março de 1909, na Serra de Santana, pequena propriedade rural do município de Assaré, no sul do Ceará. Ainda menino, perdeu a visão do olho direito e, a despeito da pobreza, algo tão comum na dura rotina do homem sertanejo, cresceu interessado pela cultura popular: ouvia histórias e lia folhetos de cordel, foi menino violeiro e repentista. O talento para as rimas improvisadas deu grande fama ao poeta e, por volta dos vinte anos, foi apelidado de Patativa em alusão ao pequeno pássaro amazônico de canto incomparável. Posteriormente adotou o Assaré em homenagem à sua cidade natal (CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Antologia poética Patativa do Assaré**. 8. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010).

versos diferentes, ora no interior do mesmo verso, provocando uma relação fônica entre as palavras presentes em dois ou mais versos, como podemos ver abaixo no cordel **O Barão e seu palacete em ruína**, que aqui transcorremos e iniciaremos a análise:

Aos meus leitores queridos
dessa nossa região,
lá do Norte e do Sudeste,
do Chuí ao Maranhão,
vou falar neste cordel
do nobre senhor Barão.

Contarei aqui também
sobre um templo imponente
que por ele foi erguido
em pleno Sertão carente
e dizer que ainda hoje
é peça bem atraente.

O Barão do município
fez a bela construção,
para dizer Deus a benza
nos cafundós do Sertão.
Ele é lembrado até hoje
com muita admiração.

Um Senhor astucioso
e bastante inteligente
fazendeiro renomado
se dizia homem crente,
temente à Graça Divina
e ao Ser Onipotente.

Esse nobre cidadão
chamava Joaquim Antônio
de Siqueira Torres é.
desta terra um patrimônio,
pois no lugar fez um laço
Parecendo um matrimônio!

Após um sonho o Barão
Ficou bem determinado,
Pensava em todo momento,
Passava a noite acordado,
Arquitetando seu plano
Para ser concretizado.

O sonho era construir
uma igreja no Sertão.
Um filho se formou padre,
foi grande a satisfação
e para o presentear
começou tal construção.

Uma igreja luxuosa:
Lá no altar com muito ouro,
o conjunto que se vê
parece mais um tesouro.
Uma obra estruturada
para um tempo duradouro.

As despesas eram grandes,
mas ele não se importou,
para ver a igreja pronta
sua fortuna gastou.
A família reclamava,
todo o povo comentou.

A obra foi criticada
quase gerando guerrilha.
A fortuna era enorme
muitos queriam partilha,
era um povo ambicioso,
parecendo uma matilha.

Foi gasto em cima de gasto
pra ver a igreja erguida.
Foi vendido muito gado
e toda safra colhida.
A riqueza do Barão
quase ficou ressequida.

O nobre não se importava
tinha muita opinião,
queria homenagear
Senhora da Conceição,
à Santa que era devoto
e tinha muita afeição.

Tempo difícil aquele,
dificuldade real.
A construção imponente
bem dentro do matagal.
Torres altas revestidas
com pedras de Portugal.

Na cidade de Água Branca

a Matriz é atração
e quem a vem visitar
leva uma recordação
e na parede da sala
expõem com satisfação.

Esse feito do Barão
espalhou-se em todo mapa,
foi até reconhecido
pela Santidade, o Papa.
Em jornais do meu Nordeste
o monumento foi capa.

Continua erguido e pleno
o tal sonho do Barão,
com persistência e audácia
seguiu o seu coração.
Esse feito se tornou
grande marco no Sertão.

O Barão foi declinando,
surgindo a enfermidade,
já com quase oitenta anos
cresceu a fragilidade,
a morte bateu-lhe à porta
levando-o à eternidade.

Com a morte do Barão
a família foi exposta,
com muita insegurança,
violência foi imposta,
a bandidagem da época
sempre esteve bem disposta.

Falarei neste momento,
bem calmo, sem sobressalto
de como feroz bandido
fez no lugar um assalto
e deste grande ocorrido
faço adiante um “ressalto”.

Joana Vieira Sandes,
a senhora Baronesa
logo que ficou viúva
carregou muita tristeza!
Mas, sempre foi caprichosa
e sofria com nobreza.

Foi uma mulher fiel,
uma digna senhora,

companheira do Barão
acordava com a aurora
para ajudá-lo na lida
todo instante, toda hora.

Precisou ser muito forte
com a morte do marido,
gerenciando o dinheiro
pra não ser tudo perdido.
Sofreu grandioso assalto
por afamado bandido.

Era tempo que o cangaço
amedrontava o sertão,
pois andava pelas trilhas
e matas da região
o Capitão Virgulino,
o famoso Lampião.

Ele entrou para o cangaço
por um doloroso drama:
assassinaram seu pai,
acendendo em si a chama
Com isso saiu matando,
criou temerosa fama.

Entrando no vilarejo,
fez refém toda a polícia,
elaborou estratégia
com muita astúcia e perícia.
Os grandes jornais da época
divulgaram tal notícia.

No colossal palacete
munido com aparato
de armas e munição,
quis concretizar seu ato
assaltando a baronesa,
não deixou muito barato.

Mas antes do tal assalto
foi a seu mando um coiteiro,
ordenar à baronesa
que lhe mandasse dinheiro.
Ela ignorou a ordem
enraivando o cangaceiro.

Virgulino se enfezou
ficou logo de veneta,
se muniu de guarnição,

de bala e muita espoleta
Se a Senhora reagisse
“bateria a caçoleta”.

O Capitão ao chegar
na Matriz da Conceição
parou bem na frente dela
com respeito e devoção,
fez logo o sinal da cruz
para pedir proteção.

Lampião, homem de fé
pedia sempre coragem
pras andanças no Sertão
comandando a bandidagem
e que livrasse seu grupo
da temida espionagem.

O Capitão Virgulino
orando, se ajoelhava.
O grupo de cangaceiros
de perto o observava
e o território ao redor
com astúcia mapeava.

Com a sua oração feita
era hora de agir.
Cada um tinha tarefa
e teria que cumprir.
Ordenou ligeiramente:
todos tinham que partir.

trancou todos os “macacos”,
numa pequena prisão,
amedrontou todo o povo,
zombou da população.
Água Branca foi refém
do temido Lampião.

Os cangaceiros ficaram
pelas portas vigiando,
cercaram o palacete,
ficaram observando,
todos atentos a tudo
com espingardas mirando.

E foi um grande alvoroço,
quebrando a calma do dia,
quem na rua se encontrava
rapidamente corria,

em qualquer lugar seguro
bem rápido se escondia.

Quem em casa repousava
quando ouvia o som dos tiros
se enrolava no lençol
silenciava os suspiros.
Cavalgando, os cangaceiros
na calçada davam giros.

Um lugarzinho pacato
onde o povo é todo unido
ficou logo aperreado
ao ouvir o estampido.
balas cortavam o céu,
percebia-se o zunido.

Levaram todo dinheiro
que a baronesa detinha.
Pra tirar sarro da velha
inda fizeram gracinha.
Lampião pegou-lhe a mão
e foi dar uma voltinha.

A mulher enfurecida
não podia fazer nada,
teve que ir para rua
com seu algoz, de mão dada.
E a jagunçada inteira
olhando, dando risada.

Foi uma grande vergonha
pra nobre comunidade.
Lampião fazer aquilo
tendo a velha aquela idade,
estremecendo de medo
todo o povo da cidade.

Água Branca está na história
desse tão vasto Sertão,
como sendo o tal lugar
tomado por Lampião
pois o alvo bem certo
foi a casa do Barão.

Hoje, a nobre residência
não tem ninguém a cuidar
pra pintar suas paredes,
seus móveis também zelar.

Escrevendo estas rimas
vou aqui desabafar.

Era um lindo palacete
onde o Barão fez morada,
uma casa muito grande
por todos apreciada,
vive hoje exposta ao tempo
muito deteriorada.

Está sofrendo desprezo
o tal sobrado amarelo,
tinha pompa de nobreza,
era um prédio muito belo,
hoje está jogado ao léu,
um imóvel bem singelo.

Tijolos estão à mostra,
com o reboco caído.
Algum móvel que restou
deve está bem corroído.
Ver a nossa história assim
dá vergonha, é dolorido.

Da pracinha se observa
o seu telhado quebrado.
Todo mundo pode ver
ficando um pouco parado,
espiando o casarão
como está abandonado.

O palacete fechado
parece que não tem dono.
Outrora vivia em festa
hoje está em abandono.
O governo não enxerga,
parece que está com sono.

O sótão bem destacado
chama demais a atenção,
do povo que vem de fora,
pra fazer visitação,
mas não conseguem entrar
e voltam com frustração.

A casa vive fechada,
seus herdeiros moram fora.
Revitalizar o prédio?
nenhum deles colabora,
parecendo até que a todos

a ignorância devora.

Dizem que querem vender
e pedem muitos reais.
Para os mais ambiciosos
o dinheiro vale mais.
Por certo vão destruí-lo,
da história são rivais!

A casa pede socorro,
se pudesse gritaria:
– Abram logo minhas portas,
pra que entre a luz do dia!
E para toda essa gente
A história revelaria.

Cada canto dessa casa
deve logo ser aberto,
o público que adentrar
ficará boquiaberto,
pois o lugar é história,
o povo tem que estar perto.

Se querem vender, que vendam
a alguém que ama história,
para reestruturar,
reavivar a memória.
Isso, um dia acontecendo
será enorme a vitória.

Seria uma alternativa
a Prefeitura comprar
o palácio do Barão
e ele todo reformar
em prol de toda cidade,
que com isso ia lucrar.

Fazer da casa um museu
aberto à visitação
e cobrar pela entrada
pra ver todo o casarão.
O dinheiro arrecadado
doar para a educação

Choveriam visitantes,
a cidade cresceria.
Nossa terra, Água Branca,
centro de atenções seria!
Cada simples cidadão
seu próprio lucro, teria.

Um museu pode mostrar
as coisas de antigamente,
como eram os talheres,
as roupas daquela gente.
Quero ver se água Branca
não andaria pra frente.

Tão bom se nossa cultura
que há tempos é sufocada
por tanta ignorância
de gente despreparada,
fosse vista com bons olhos,
sendo muito bem tratada.

Com isso podia ser
que ao palácio do Barão:
decadente, agonizante.
Alguém estendesse a mão,
executando reparos,
dando-lhe mais atenção.

Magnífico seria e
bastante harmonioso,
um casarão secular,
atraente e bem charmoso,
avivando o centro histórico
entre o vale montanhoso.

Apropriando-se da sextilha, que é o cordel é escrito em forma de estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas. Obrigatoriamente, o segundo, o quarto e o sexto versos devem rimar entre si (GOLSTEIN, 2007). Os versos de sete sílabas são denominados de redondilha maior e sua relação com os cancioneiros do trovadorismo provençal é muito próximo.

Na verdade, podemos notar que o cordel de Medeiros faz um diálogo com tradição do cordel e também com outros cordelistas que assumem essa medida, como vimos no capítulo anterior.

As redondilhas menores, de cinco sílabas, e maior, de sete, se mantém na língua portuguesa e na poesia como uma expressão poética que liga a medida à canção popular. Podemos, como exemplo, ver exemplos na poesia de Medeiros e na canção de Chico Buarque, no álbum **Paratodos**.

Jo / a / na / Vi / ei / ra / Sandes,
1 2 3 4 5 6 7
 a senhora Baronesa logo que ficou
 viúva carregou muita tristeza! Mas,
 sempre foi caprichosa e sofria com
 nobreza (MEDEIROS, 2019).

O / meu / pai / e / ra / pau / lista
1 2 3 4 5 6 7
 Meu avô, pernambucano
 O meu bisavô, mineiro
 Meu tataravô,
 baiano
 Meu maestro soberano
 Foi Antônio Brasileiro (BUARQUE,
 1994).

Esse cruzamento poético nos versos dos dois poetas revela o quanto a poesia cordelista se mantém viva e atuante. Podemos dizer que o cordel representa um jorro artístico e também um gênero que quer se manter vibrante em uma sociedade de que necessita de arte a todo tempo.

No caso do poeta José Reginaldo de Medeiros, podemos assegurar que em seus poemas ou cordel há a presença de versos elaborados em sílabas poéticas, como podemos ver no cordel que ora analisamos, cujo poema se mostra com 60 estrofes, sendo formado por estrofes de 6 versos, conhecido como sextilha, na qual o segundo verso rima com o quarto e o sexto, não sendo obrigado rimar o primeiro com o terceiro e quinto.

Aos meus leitores queridos
A dessa nossa região, **B** lá
 do Norte e do Sudeste, **C**
 do Chuí ao Maranhão, **B**
 vou falar neste cordel **D** do
 nobre senhor Barão **B**

Diante disso, podemos ver que os versos segundo, quarto e sexto rimam entre si na sílaba *ão*, reforçando essas rimas externas em todo poema, como podemos ver na última sextilha.

Mag/ ní / fi / co / se / ri / a e **A**
 1 2 3 4 5 6 7
 e bastante harmonioso, **B**
 um casarão secular, **C**
 atraente e bem charmoso,
B avivando o centro
 histórico **D** entre o vale
 montanhoso. **B**

Aqui a rima está em *oso* e não em *ão*, como vimos na sextilha acima. Isso significa dizer que o artista está preocupado com a musicalidade, revitalizando os versos e provocando outras formas de expressão rimática. Assim, como já dissemos anteriormente os versos são elaborados em sílabas poéticas, formando as estrofes do cordel, como, por exemplo, faz o poeta no cordel **O Barão de Água Branca e seu palacete em ruínas**, constituído por 360 versos, em que cada verso é formado de sete sílabas poéticas, mas as sílabas gramaticais se mostram entre nove (9) ou oito (8), como podemos observar abaixo.

Ho / je,a / no / bre / re / si / dên / cia (9)
 1 2 3 4 5 6 7
 não tem ninguém a cuidar
 pra pintar suas paredes,
 seus móveis também
 zelar.
 Es / cre / ven / do / es / tas / ri / mas (8)
 1 2 3 4 5 6 7
 vou aqui desabafar.

É o estudo dos versos demonstra que na escansão a última sílaba poética é a sílaba tônica da palavra, como acontece com as sílabas sete (7) do cordel de Medeiros. Uma forma de classificar os poemas é de acordo com o número de sílabas poéticas.

Na contagem silábica poética de um verso, permitimos reunir duas sílabas em uma só como na crase (sinalefa), como podemos observar na sílaba dois (2) do

primeiro verso, e contrair duas sílabas numa só sem alteração de letras (sinérese). Podemos observar também que na separação silábica poética não devemos contar as sílabas após a última tônica, como já dissemos anteriormente. Da mesma forma, duas vogais podem fundir-se formando uma sílaba poética, ou seja, o ditongo não pode ser separado, se uma sílaba terminar em vogal e a próxima iniciar-se em vogal não se separam. Assim, o *h* mudo não se conta como sílaba, mas como vogal, e não se separa *rr* e *ss*, como podemos ver nos versos destacados abaixo:

Ho / je,a / no / bre / re / si / dência

1

[...]

A / ca / sa / pe / de / so / corro,

7

Se / pu / de / sse / gri / ta / ria:

4 7 –

Abram logo minhas portas,
pra que entre a luz do dia!
E para toda essa gente A
história revelaria.

Podemos observar que a poesia de cordel assume um rimor métrico. Isso se deve a vários fatores em que a tradição literária tem assegurado a importância da poesia cordelista e também da maneira pela qual os poetas se reúnem para assegurar a presença da literatura de cordel na atualidade. Assim, podemos dizer que José Reinaldo Medeiros é um poeta que se mantém na tradição, porque reforça seu lugar de escritor que busca preservar a forma literária dos antigos poetas e, ao mesmo tempo, impregnar sua poesia com a real que o cerca, como faz com a história do palacete do Barão de Água Branca.

4.3 . Os temas do cordelista José Reinaldo Medeiros

Segundo Medeiros, em uma entrevista no dia 25 de março de 2019 na Ufal, ele disse que o tema foi escolhido por ser de grande relevância para a cidade de Água Branca, pois desde que teve entendimento os mais velhos comentavam que o Barão tinha sido uma autoridade na cidade e sua casa era considerada um palacete por conta de sua beleza, porém agora se encontra no esquecimento da população principalmente dos jovens. Tendo isto em vista ele escolheu este tema para lembrar a população do barão e sua casa.

De acordo com Medeiros, podemos dizer que quando ele resolveu falar do Barão de Água Branca e seu palacete houve uma ideia de contemplar a situação da casa que se encontra em ruína e o poder público sem fazer nada a respeito. Então, ainda seguindo o entrevistado, ele como cidadão água banguense se achou no dever de fazer algo para chamar a tenção das autoridades e da população, tendo o cordel como meio de comunicação para falar daquilo que não pode ser falado diretamente. O poema recorre a pretensão corrente do cordel: a introdução; o assunto (tema); o problema; as histórias sobre o tema; a sugestão (conclusão). Essas partes são demarcadas no poema, porque o criador impregna a chamada relação evidente do objeto representado. No cordel, essa evidência se desenvolve no enredo, que no caso de Medeiros vai da glória à ruína do casarão.

Aos meus leitores queridos
dessa nossa região,
lá do Norte e do Sudeste,
do Chuí ao Maranhão,
vou falar neste cordel
do nobre senhor Barão.

INTRODUÇÃO ↓ ↑

Desse ponto podemos perceber, como foi dito acima, a Assunto do Cordel, que vai se desenvolvido e provocando os desdobramentos do tema. As setas ↓ ↑ representam o movimento das cenas e dos acontecimentos das ações – para cima ou para baixo, formando intercalações - que definem o conteúdo do cordel.

O Barão do município
fez a bela construção,
para dizer Deus a benza
nos cafundós do Sertão.
Ele é lembrado até hoje
com muita admiração.

↑ ↓

Podemos dizer que essas ocorrências mantêm o enredo e leva ações descritivas ao reconhecimento do denúncia social, que uma escolha do cordel de Medeiros. Aliás é o caráter social que o poeta sempre quer destaca, por isso o tema do casarão do Barão leva em conta o fato do espaço cultural está abandonado e, ao mesmo tempo, precisa de visibilidade (**PROBLEMA**).

PROBLEMA ↓

O sonho era construir
 uma igreja no Sertão.
 Um filho se formou padre,
 foi grande a satisfação
 e para o presentear
 começou tal construção.

Uma igreja luxuosa:
 Lá no altar com muito ouro,
 o conjunto que se vê
 parece mais um tesouro.
 Uma obra estruturada
 para um tempo duradouro.

A partir desse momento, o cordelista intensiona mencionar histórias ou outras histórias para reforçar o destaque ao tema, no caso de Medeiros o Casarão em Ruínas, que se mostra interligado ao passado histórico da cidade.

Era tempo que o cangaço
 amedrontava o sertão,
 pois andava pelas trilhas
 e matas da região
 o Capitão Virgulino,
 o famoso Lampião.

HISTÓRIAS/TEMA ↑ ↓

Ele entrou para o cangaço
 por um doloroso drama:
 assassinaram seu pai,
 acendendo em si a chama.
 Com isso saiu matando,
 criou temerosa fama.

Na verdade os temas são intercalados e dialogam entre si. Então o cordelista jamais poderá fugir ao tema, pois estará sempre interferindo de algum modo na forma sociocultural do tema que lhe importa.

Por fim, o tema aborda as questões finais e faz, via de regra, uma **SUGESTÃO** ao leitor, porque, nesse momento, o poeta dialoga diretamente com o leitor, fazendo um jogo de interesse entre o tema proposto e posição crítica sobre o assunto abordado.

Se querem vender, que vendam
 a alguém que ama história,

para reestruturar,
reavivar a memória.
Isso, um dia acontecendo
será enorme a vitória.

SUGESTÕES



Seria uma alternativa
a Prefeitura comprar
o palácio do Barão
e ele todo reformar
em prol de toda cidade,
que com isso ia lucrar.

Assim, o poema tem, então, o ganho de tocar num tema cultural tão caro aos espaços da cidade de Água Branca. É caro para o poeta, vivente da região; e caro para a população águabranquense que vê o casarão todos os dias. O poeta faz de sua via cruzes um ela entre a palavra poética e a reclamação de cunho de caráter social, porque a poesia de Medeiros é viva, como também é vida a história da cidade, que ele pensa resgatar pela força de sua poesia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentados em pesquisas sobre poesia, tradição e poesia de cordel, nosso trabalho buscou suporte teórico em algumas dissertações de mestrado e doutorado, como por exemplo o trabalho de Mara Cláudia de Oliveira (2008), que fala sobre a leitura do cordel na sala de aula da língua portuguesa; o de Maria Leonara Oliveira (2013), que fala sobre a literatura de cordel como arte que se expande através dos recursos tecnológicos, e ainda nas pesquisas de Larissa Amaral, bem como na dissertação de mestrado de Josivaldo Custódio da Silva (2007), que fala sobre literatura de cordel em um fazer popular a caminho da sala de aula.

Daí fizemos também uma entrevista com o poeta José Reinaldo Medeiros, que nos deu a possibilidade de compor sua biografia e também a forma artística assumida pelo poeta. Partimos para a análise do cordel desse poeta alagoano, tomando como base o cordel **O Barão e seu palacete em ruína**, publicado em 2018, contudo ainda tivemos dificuldade no início da pesquisa por não encontrar um histórico da literatura de cordel em Alagoas, que foi superado pelo farto material disponível na ABLC-Academia Brasileira de Literatura de Cordel, que está disponível na rede.

Além do que foi acima exposto, também comentamos sobre a história da literatura cordelista no Brasil, a estrutura do cordel, como identificar a forma poética e fizemos análise de algumas partes do cordel de Medeiros, e como já foi falado, mesmo sendo um poeta alagoano pouco conhecido, esse poeta alagoano foi recentemente reconhecido pela ALCC (Academia Alagoana de Literatura de Cordel), onde ganhou o direito de sentar na cadeira 21.

Antes de fazer este trabalho já tínhamos uma certa admiração pelo cordel, porém havia pouco conhecimento sobre esse gênero. Ao participar das aulas de literatura com o Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, houve um despertar: apareceu o desejo de ler poesia e depois cordel, isso nos ajudou no momento da escolha do tema para essa pesquisa, que depois de muito trabalho escolhemos o cordel. De certa forma, podemos dizer que esse tema foi ignorado por alguns colegas, então percebemos que era o assunto certo, pois é um tema pouco divulgado, sendo motivos de desinteresse e desvalorização de muitos.

Depois desse trabalho posso afirmar que passamos a interessar pela leitura cordelista, lembrando que esta pesquisa é uma oportunidade de conhecer melhor o gênero cordel e perceber que estudar literatura é também saber que os poetas, novos ou não, não pararam de pensar no seu lugar.

Assim, temos poetas em nossa região e nos sentimos satisfeitos em ler e estudar a poesia de José Reginaldo de Medeiros, por acreditamos que ele, assim como muitos, sabem valorizar sua história, seu lugar, sua gente. A literatura de cordel é uma janela aberta no Casarão do Barão de Água Branca, capaz de olhar para a cidade e dizer todos os dias que o prédio pode estar em ruínas, mas o poeta – e a poesia – sempre atravessarão a janela para ver o que há por dentro do velho casarão.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. Paratodos. In: **Paratodos**. Intérprete: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Universal, 39:38 1 CD.

CARVALHO, Gilmar de (Org.). **Antologia poética Patativa do Assaré**. 8. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

FRAZÃO, Dilva. **Luiz Gonzaga**: músico brasileiro. Disponível no site: https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/. Acesso mar./2019.

FRÉZIA, WILLIAM. **Capas de cordeis**. Disponível no site: <https://br.pinterest.com/williamfresia/capas-de-cord%C3%A9is/>. Acesso em Jul./2019.

GASPAR, Lúcia. **Jackson do Pandeiro**. Disponível no site: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=760&Itemid=1. Acesso mar./2019.

GASPAR, Lúcia. *Literatura de Cordel*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 15/01/2019.

GOLDSTEIN, Norma. **Versos, sons e ritmos**. São Paulo: Ática, 2007.

MEDEIRO, José Reginaldo. **O barão de Água Branca e seu palacete em ruínas**. Maceió: Soslaio Editora, 2019.

OLIVEIRA, Maria Leonara & SILVA FILHO, Marcelo Nicomedes dos Reis. **Literatura de cordel**: Uma arte que se expande através dos recursos tecnológicos.

UEMS/Campo Grande ISSN: 2178-1486, Volume 4, Número 11, novembro, 2013.

RACHID, Duca & GUEDES, Telma. **Cordel Encantado**. Rede Globo de Televisão. Telenovela. 143 capítulo. 2011.

SILVA, MaraCláudia de Oliveira. **A leitura do cordel nas salas de aulas de Língua Portuguesa no ensino Médio**. Taubaté: UNITAU, 2008.100. Disponível em > file:///C:/Users/ntwalno0%20%2063/Desktop/Mara_Silva%20cordel.pdf. Acesso em 28/01/2019.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel**: um fazer popular a caminho da sala de aula. João Pessoa: 2007, 132 p. Disponível em:>file:///C:/Users/ntwalno0%20%2063/Desktop/artigos%20p%20o%20tcc%20márcio/10012014014638.pdf / Acesso em 15/01/2019.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de cordel no brasil**: os folhetos e a função circunstancial. Brasília, DF – UniCEUB, 2008. > Acesso em 10/01/2019.

ANEXO

JOSÉ REGINALDO MEDEIROS: A POESIA CORDELISTA VIVA NO SERTÃO

Márcio Ferreira da Silva
Professor e Crítico Literário

Durante os anos de 2018 e 2019, estivemos pesquisando a poesia de cordel no Sertão Alagoano, em projeto ligado ao Grupo de Pesquisa NELA-Núcleo de Estudos em Literatura Alagoana, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão. A descoberto do poeta José Reginaldo de Medeiros surgiu por acaso, ou por peripécia do destino. Medeiros decidiu um dia ir à UFAL para divulgar os cordeis que estava escrevendo. Deu de cara comigo e travamos o início de uma amizade boa e poética. Ele descobrindo os caminhos da poesia, eu fascinado com a simplicidade e delicadeza dele no trato da feitura poética.

Nesse ínterim, Meu aluno de projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, José Izídio Barbosa, fazia um projeto sobre o tema do cordel, mas não encontrara o objeto de pesquisa. Dei a ele a ideia de analisar a poesia cordelista de Medeiros e ele atendeu prontamente o meu pedido.

José Reginaldo Medeiros nasceu em Água Branca, alto Sertão de Alagoas, sexto filho dentre oito que seus pais José Cavalcante Medeiros e Maria Rita da Conceição Medeiros conceberam. Graduou-se em Licenciatura em Biologia, pela Faculdade de Tecnologia e Ciência EaD e com Pós-Graduação em Uso das Mídias na Educação, pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atualmente exerce a função de professor de Biologia na Escola Estadual Monsenhor Sebastião Alves Bezerra, na sua cidade de origem. Medeiros atua também no serviço público administrativo municipal onde realiza atividades desde do ano 2000.

Admirador dos grandes nomes da cultura brasileira, Medeiros tem conhecimento das histórias de vida de Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro,

Raul Seixas, Patativa do Assaré, entre outros, que o influenciaram no caminho poético e musical. Além disso, seus traços culturais se deram em momentos de convivência com seu pai Zé Medeiros, em que ambos paravam em momento de descanso e lazer para ouvir músicas e poesia. Assim o poeta diz que adquiriu bagagem e conhecimento durante a vida, o que impulsionou sua recente carreira como cordelista em Alagoas.

Como escrevedor de Cordel, Medeiros começou há pouco tempo, para ser mais exato no dia 04 de novembro de 2018, escrevendo um poema em estilo quadra intitulado “Uma linda história de amor”. Desde então não parou mais de escrever e fazer rimas, em pequeno intervalo de escrita encarregou-se de mudar do estilo de quadra e passou a escrever com característica cordelista, por exemplo, em sextilhas. Daí vem seu mais recente cordel “O barão de Água Branca e seu palacete em ruínas”.

Assim, escrever para o poeta é uma vontade e um desejo de sentir o mundo, rimando preenche os espaços de um tempo perdido, como o do casarão do barão, e, ao mesmo tempo, a memória do lugar, fazendo uma fotografia histórico-poética e atual da bela Água Branca.

Abaixo segue a entrevista com o poema, que foi realizada no Campus do Sertão em abril de 2019 e por email em agosto do mesmo ano.

1. Quem é José Reginaldo Medeiros?

Medeiros - Sou um poeta cordelista membro da Academia Alagoana de Literatura de Cordel-AALC, ocupando a cadeira de número 21, cujo patrono é o cordelista Manoel Camilo dos Santos. Gosto de escrever sobre o cotidiano do meu lugar (Alto Sertão alagoano), assim como sobre as belezas peculiares de Alagoas. Também escrevo sobre os acontecimentos políticos e sociais que ocorrem diariamente no Brasil nos mais diversos estilos cordelistas, sejam

quadra, sextilha, septilha ou décima com versos metrificados em sete sílabas poéticas, baseados nas conversas com meu saudoso pai, nos livros que desde crianças eu leio, assim como em tudo que vivi na minha infância, adolescência e juventude, memórias que guardo com muito sentimento e que vem à tona quando começo rascunhar meus versos.

2. Quando e como foi seu primeiro contato com a poesia de cordel?

Medeiros - Na verdade, antes de escrever cordel, eu tinha lido algumas poesias de cordel, assim como alguns poucos livretos de cordel, mas de maneira superficial, só para passar tempo, sem muita empolgação. Só depois que comecei a escrever em rimas foi que adentrei profundo no mundo da Literatura de Cordel e li dezenas de livretos dos mais renomados escritores do estilo literário.

3. O que você pensa sobre produzir literatura no Sertão?

Medeiros - Infelizmente a literatura no Sertão ainda é rara, tanto do ponto de vista de quantidade de leitores como da quantidade de escritores, devido a uma gama de fatores que se acumularam em prol do crescimento desta minha opinião. Com isso, fazer literatura em uma região que não recepçiona bem um texto, não dando o valor adequado é triste, é frustrante. Por isso venho trabalhando com um público infantil e juvenil, visitando as escolas de ensino fundamental, semeando a semente da leitura, fazendo com que as crianças penetrem de vez neste mundo fantástico da literatura e sejam futuros leitores, transformando nossa região em um recinto de empolgados leitores.

4. Você se considera um poeta? Por quê?

Medeiros - Sim, eu sou um poeta. Não aquele poeta que declama repentinamente, mas o de bancada, onde eu sento em um canto e paro para refletir e, conseqüentemente, escrever versos com sete sílabas poéticas (redondilha maior) utilizando a métrica e rimas perfeitas, a medida que eu exteriorizo meus sentimentos que brotam de minha alma e da profundidade do meu coração, com muita sensibilidade.

5. Como você vê a poesia de cordel hoje no País?

Medeiros - Hoje a poesia de cordel está adquirindo espaço no país devido a perseverança que os poetas cordelistas, dentro de suas respectivas academias regionais, têm em não deixar a nossa cultura padecer em meio a tantas culturas estrangeiras que vêm sendo impregnadas no Brasil. Atualmente, felizmente, o cordel é considerado um patrimônio cultural imaterial fazendo com que seja um estilo literário mais bem visto pela sociedade que antes o enxergava como um estilo pobre, deixando-o meio de lado, às margens, caindo no esquecimento do seu próprio povo.